

## **De novo em Cabedelo**

Na véspera tinha subido o morro de S. Miguel. Região elevada onde, em tempos atrás, tinha existido, também, um aldeamento de caboclos, e, naquele momento, estava localizado o cemitério do lugar. Tinha subido o morro de S. Miguel para marcar o traçado do seu divisor de águas, que os índios de São Francisco se opunham que fosse o limite de suas terras.

Fui, e me acompanharam nessa empresa o capitão Neiva, chefe dos serviços em que estávamos empenhados; caminhava na frente, armado de mosquetão e, logo após, vinte homens armados de rifles, que foram contratados, nas vizinhanças, justamente para esse mister.

Esse gênero de trabalho, de aspecto tão belicoso, não me agradou; aliás, a nossa condição, a minha e a de Holanda, foi-se complicando muito desde a nossa chegada; assim, resolvemos deixar os trabalhos para os quais estávamos contratados; falamos aos chefes, que sorriram complacentes e acederam em nos dispensar e, porque naquela hora não podiam nos pagar dois meses atrasados, fizeram com que assinássemos documentos, nos quais se comprometiam a nos pagar, dentro de um prazo determinado, a quantia devida.

Ficamos, portanto, livres do contrato que tínhamos assinado no Recife, de onde viemos; resolvemos portanto voltar, depois de quatro meses de permanência na Baía da Traição; da Traição porque os caboclos de lá ficaram do lado dos holandeses contra os portugueses; contratamos com dois pescadores da Baía o nosso transporte, na sua lancha, até o porto de Cabedelo onde tomaríamos o trem para a capital pernambucana.

Às três horas da madrugada, com um céu ainda apagado e noturno, selado ainda com a sombra do mundo, nos aproximamos, eu e Holanda, da lancha dos pescadores e que era um tipo de barco fechado com o qual se faziam as pescas no mar alto; a lancha foi lançada ao mar e, depois, por meio de uma jangada, fomos nela embarcados e partimos. Seguimos com o intuito de o mais breve possível, alcançarmos Cabedelo. Tínhamos vindo deste porto, fazendo um trajeto de apenas três horas de viagem, em maré cheia, impelidos por um bom vento de feição. Agora, de volta, viajamos com vento contrário, o vento Sulão, que soprava do sul, do fundo escuro da noite, de um longe sul de um horizonte que se perdia entre nuvens espessas; um vento que vinha, lambendo a superfície das águas, erguendo as ondas da maré baixa, impulsionando as nuvens escuras e fragmentadas.

O vento era um vento contínuo, batido, metucioso; jogava, oscilava, dançava sobre as águas; se erguia, aprumava-se, subia; e de novo, do sul, nos trazia uma vibração de asas diluídas, desfeitas, decompostas, um ritmo pesado, seguro, constante; com ritmos, ora permanentemente do sul, ora ligeiramente variando para leste, para o horizonte do mar; mas sempre contra, contra a nossa vela aberta naquela noite incompleta, naquela noite que, dentro em pouco, iria concluir-se.

Para avançarmos na direção de Cabedelo, precisávamos bordejar, éramos forçados a bordejar, o que iria prolongar a viagem em muitas horas. E os tropeços que iria dar esse bordejo em ziguezague de linhas retas, de linhas líquidas e vacilantes? A que horas avistaríamos Cabedelo? Bordejamos.

O Barco navegava penso de um lado.

Bordejamos, assim, ao longo de toda a costa da Paraíba: desde a Baía da Traição até o porto de Cabedelo: penetrávamos com a vela inclinada, até um ponto muito avançado, no mar, como procurando contornar o vento, ou descobrir dentro dele uma passagem; depois cambando e molhando a vela, voltamos até bem perto da praia, num ziguezague lento e monótono. Depois, puxando de novo as escotas da vela latina da lancha e cambando-a, dirigimos de novo o barco para o longínquo horizonte marítimo. Era um bordo difícil, de oscilações muito longas, um

movimento como de negaças diante do Sulão que continuava a soprar sem cessar. A assobiar e a zumbir num assobio agudo e melancólico, um uivo como se viesse de uma matilha de lobos perdidos e famintos naquele mar generoso. Fomos assim bordejando, procurando vencer o forte vento que não nos dava trégua, que continuamente soprava naquele fim de noite, naquela vindoura madrugada; o barco ia adernado de um lado; por isso, ficávamos sentados do outro lado como contrapeso; junto a nós estava o taiassu – a âncora da lancha – para manter melhor o equilíbrio, mas o vento forte continuava a adernar o barco.

Era noite ainda: quatro horas da manhã; estava longe o amanhecer; distraía-me em observar de longe as praias da costa norte da Paraíba; eu, que as vi de perto, agora olhava-as de longe, com seus coqueirais, os seus pontos de luz vagos e indecisos que surgiam dentre os coqueiros, quando o barco se aproximava da terra, luzes que esmoreciam naquele fim de noite, naquele fim de sono mal compensado. Lá estavam, Salina, Boqueirinhos, Tambaú?

Quando a lancha se apartava do litoral e quase nada se via das praias, para me distrair, ficava a observar um dos pescadores, manobrando a linha de curso; a técnica era a seguinte: deixar fugir a linha, que se desenrolava do carretel para dentro d'água, atingindo grande profundidade no mar; nunca tinha visto uma pesca deste gênero; o pescador me explicou que era com a linha de curso que se pescava os peixes que viviam a grandes profundidades, como as cavalas, os galos-do-alto etc.

Fiquei, assim, por algum tempo acompanhando as manobras de bordo, e o empenho do pescador em aproveitar a viagem para pescar.

Com o passar das horas comecei a me sentir mal, um enjôo se apossava de mim, à medida que o céu clareava no nascente e, agora, me parecia que o bordejar da lancha procurava, de quando em vez, ir ao encontro da aurora. Já viajávamos há três horas desde a partida e ainda estávamos muito longe de Cabedelo.

Com mais uma hora comecei a vomitar, numa grande agonia; fizeram-me sentar no pequeno porão que o barco possuía na popa, onde os pescadores guardavam os seus utensílios de pesca; o meu vômito saía amarelo, era um vômito que, estando em jejum, quase somente havia bÍlis; sentia, também, muito fortemente, doer-me a cabeça.

Com aquele bordejo contínuo comecei a enjoar de maneira intensa, mas o bordo continuava. A lancha velejava sempre ao longo da muralha do vento, à procura de uma fresta, de uma fenda, na ventania desesperada, de uma abertura para poder passar e, do outro lado, encontrar outro vento mais amigo, suave e leal.

Por fim o dia raiou com todo o seu fulgor. Continuava-se a cambar, de vez em quando, a vela da lancha, procurando sempre a direção de Cabedelo, aonde somente chegaríamos por volta do meio-dia, e ainda eram oito horas da manhã. Sentia-me cada vez mais amargurado, doía-me a cabeça, as pernas encolhidas, no porão, também me doíam, e o enjôo não diminuía; os vômitos prosseguiam. Que diferença com a viagem de Cabedelo à Baía da Traição feita há quatro meses atrás!

Na viagem anterior partimos à tarde com mar grosso e maré alta, grandes ondas subindo e descendo na proa do barco em que íamos; às vezes parecia que a pequena lancha iria naufragar por uma grande onda clara, iluminada pela luz da tarde do Nordeste, mas a onda se desfazia, e ia erguendo a embarcação até a sua crista mais alta; dava a impressão de um buraco onde não se caía, pelo contrário, o fundo do abismo se erguia e ajudava o barco a galgar a colina das ondas.

Na viagem de regresso as coisas mudaram totalmente; embarcamos às três da manhã em plena escuridão, não víamos, diante de nós, ondas iluminadas, mas ouvíamos um grosso rumor de água espessa... e o assobio do vento Sulão.

Comecei a sentir frio, o conhecido frio da maleita que voltava, agora em circunstância muito mais penosa para mim, encolhido naquele momento no fundo do barco e sofrendo acessos de vômito a todo o momento.

Comecei a sentir frio, frio que já duas vezes me tinha acometido e que me prendeu no fundo de uma rede, na casa que acabávamos de deixar na Baía da Traição – baía formosa – com sua esplêndida praia, e tão difícil de nela se morar.

Era mais um ataque de sezões que me vinha agora, em plena viagem, no mar. Isto sucedeu, creio, às dez ou às onze horas.

Esses insultos de malária já me tinham acometido por duas vezes, sempre nas mesmas circunstâncias: a uma hora da tarde chegava um frio intenso que me tolhia e fazia recolher à rede, depois, mais tarde, vinha a febre alta, depois o suor. Amanhecia bom, com muita fome.

Agora, ao léu desse barco, divagando já há sete horas numa luta incessante, num tempo de vento louco, para alcançar Cabedelo, a minha situação em relação à doença, que já conhecia, era muito outra; estava ali, no barco, em condições deploráveis; agachado, praticamente agachado no pequeno porão da popa, com as pernas encolhidas e, ainda, além disso, enjoando e vomitando por quase toda a viagem. Chegou-me o frio, antes de uma hora da tarde, e nessa situação precária.

Consegui, de qualquer modo, vencer as dificuldades e ainda com resistência de corpo e de espírito, chegar a Cabedelo. Era meio-dia. Precisamente, viajamos durante nove horas. Ao aportarmos em Cabedelo, fui retirado do porão da lancha, carregado e conduzido até a praia, de onde caminhei até o hotel, me recolhi a um quarto e me deitei numa rede. Ali senti, sucessivamente, passar o frio, começar a febre, terminar a noite. Amanheci bom, com muita fome. No céu brilhava um azul frio.

Nesse hotel em que nos hospedamos, eu e Holanda, passamos a noite e logo na manhã seguinte nos preparamos para tomar o trem que nos levaria à capital da Paraíba, onde faríamos baldeação para um outro que, enfim, nos conduziria ao Recife.

Assim, depois de tomarmos café, saímos apressados para apanhar o trem, já na hora da partida. Viajamos então para a capital da Paraíba, que se chamava, por aquele então, de Paraíba. Ali fizemos baldeação para o trem do Recife.

O trem partiu cedo, às oito horas da manhã, e devia chegar ao Recife às oito horas da noite; era, assim, uma viagem de doze horas, portanto mais três do que gastamos na travessia marítima. Íamos, agora, com um pouco mais de conforto. Senti-me bem, a princípio, no vagão onde ia; não era ainda tempo do frio da maleita me atingir novamente; almocei com apetite no restaurante do comboio e voltei a me sentar no mesmo lugar do vagão de onde tinha saído.

Às doze horas senti de novo, encolhi-me todo no canto do banco e fiquei ali a sofrer aquele frio, que não sabia mesmo de onde vinha; que vinha, talvez, ainda, da Baía da Traição, como uma despedida; agora não era mais no porão do barco que eu sofria, não era tão pouco na rede da Baía; era num banco de trem que ia percorrer ainda muitas léguas para chegarmos à capital de Pernambuco.

Pernambuco era o destino, a cura, a salvação!

Encolhia-me. Encolhia-me cada vez mais no banco. Passadas algumas horas o frio foi abrandando, se dissolvendo dentro de mim mesmo, se convertendo no calor da febre que sentia já no rosto ardente.

Passei a mão no rosto, senti, acompanhei o calor da febre nele se propagando; tinha vontade de me deitar, mas, ali, no trem, só poderia estar sentado; sofria a vontade de dormir sem poder, como sucedera nos outros acessos que tive, e estava recolhido numa rede; no banco do trem era impossível dormir, era impossível descansar o corpo cansado da febre, de febre violenta e invencível.

Por fim, ao entardecer, quando o crepúsculo pairava sobre a Serra da Borborema, a febre foi se extinguindo e, eu, sentindo o alívio, tive vontade de comer.

Holanda trouxe-me uns sanduíches do restaurante, comi-os, e esperei tranqüilo que o trem chegasse à estação do Brum; desembarcamos e partimos de táxi para as nossas casas.

Em casa, dormi toda a noite em sossego; porém, no dia seguinte, me veio inesperadamente novo ataque de frio e febre; agora não era mais na rede da Baía da Traição, não era também no porão do barco – da lancha a vela – em que viajei até Cabedelo, nem tampouco no banco do trem Paraíba-Recife; agora era na minha cama, que não usava há mais de quatro meses; foi o último acesso que tive de sezões, em minha vida; depois disso nunca mais tive maleita.

Tudo que era da Baía Formosa deixei, deixei os barcos a vela, o vento Sulão, a aldeia de Marcação, as belas praias da Paraíba; somente as sezões me acompanharam, amorosamente me acompanharam, até Pernambuco, até o Recife, até a Rua da Estância, onde eu morava.